

As linguagens da contemporaneidade e a alma agostiniana: entraves para a fruição da vontade

*Francisco Estefogo*³³

Resumo

Todos os tipos de linguagens que nos circundam são incondicionalmente fulcrais na estrutura fundante constitutiva dos seres humanos. Dessa forma, como a contemporaneidade é constantemente enviesada por lépidas mudanças culturais e pela ininterrupta ressignificação de conceitos, particularmente, à custa dos hodiernos avanços tecnológicos e das conquistas científicas, reflexões acerca dos desdobramentos da conjuntura vigente, em relação às fundações dos sujeitos frente a essas novas representações da modernidade, fazem-se prementes. Agostinho (1999) concebe o ser humano baseado na composição divina unitrinária da alma entre inteligência, memória e vontade. Em outras palavras, trata-se dos três constituintes da alma que são indivisíveis e estão em íntima relação umas com as outras. Na perspectiva agostiniana, a consonância entre tais elementos é o que engendra a configuração do modelo antropológico e ontológico dos seres humanos. Uma vez mediado pelas representações, ou seja, pelas linguagens, esse movimento pode ser corrompido, infringindo a natureza da pureza de ser, amar e conhecer. Por conseguinte, como a alma pode adoecer por se confundir com as coisas que ama relacionadas às imagens sensíveis e exteriores que criou em si, a funções anímicas (Silva Filho, 2021), isto é, os afetos, a imaginação, a memória, o senso comum, o entendimento e a vontade, podem languidamente ser estruturadas. Este ensaio objetiva oferecer reflexões sobre a repercussão das linguagens contemporâneas, ou seja, as representações do mundo, majoritariamente preconceituosas e silenciadoras, relativas à fundação da interioridade e da subjetividade humana, em particular, atinente ao desfrute e à fruição da vontade, calcado nas pressuposições filosóficas agostinianas.

Palavras-chave: linguagens contemporâneas; funções anímicas; fruição da alma; fruição da vontade.

Abstract

All types of languages which surround us are unconditionally central to the founding structure that constitutes us as human beings. In this way, as contemporaneity is constantly skewed by quick cultural changes and by the uninterrupted re-signification of concepts, particularly, at the expense of modern technological advances and scientific achievements, reflections on the developments of the current situation, when it comes to talking about the foundations of subjects in the face of these new representations of modernity, become of paramount importance. Augustine (1999) conceives human beings based on the unitary divine composition of the soul between intelligence, memory and will. In other words, it is about the three constituents of the soul that are indivisible and in close relationship with each other. From the augustinian perspective, the consonance among such elements is what engenders the configuration of the anthropological and ontological model of human beings. Once mediated by representations, strictly speaking, by languages, this movement can be corrupted, violating the nature of the purity of being, loving and knowing. Therefore, as the soul gets sick by getting confused with the things it loves related to the sensitive and external images it has created in itself, the soul functions (SILVA FILHO, 2021), that is, affections, imagination, memory, common sense, understanding and will, can be languidly structured. This essay aims reflect upon the repercussion of contemporary languages, namely, the representations of the world, mostly prejudiced and silencing, relating to the foundation of interiority and human subjectivity, particularly, with reference to the enjoyment and fruition of the will, based on augustinian philosophical assumptions.

Keywords: contemporary languages; soul functions; fruition of the soul; fruition of the will.

³³ Membro da Academia Taubateana de Letras (ATL), Francisco Estefogo é pós-doutor em Linguística Aplicada (PUC-SP) e professor do programa de mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté (UNITAU). No momento, é pós-doutorando em Filosofia da Linguagem pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). e-mail: estefogo@gmail.com

Introdução

O mundo, representado pelas linguagens verbais e não verbais, pode ser compreendido como a gênese da estrutura fundante que nos constitui como seres humanos. Dessa forma, todos os tipos de linguagens que nos rodeiam são absolutamente centrais na dinâmica constitutiva da vida. A hodiernidade, devido aos recentes avanços tecnológicos e às descobertas científicas, sobretudo, relacionados à internet e à comunicação, é atravessada por céleres mudanças culturais e pela constante reconstrução de conceitos. Essa problematização impõe reflexões sobre o desdobramento do contexto contemporâneo nas fundações dos sujeitos frente a essas novas representações da modernidade.

Nesse sentido, Agostinho (1999) concebe o ser humano, em particular, no que se refere à interioridade e à subjetividade, em larga escala, a partir da composição divina unitrinária da alma humana entre inteligência, memória e vontade. Trata-se dos três elementos que, inseparáveis e em estreita relação umas com as outras, estruturam a alma.

A convergência entre tais conceitos é o que estabelece a configuração do modelo antropológico e ontológico do ser humano, na visão agostiniana. Nesse movimento, a dinâmica da atividade de conhecer dessa tríade, por ser mediada por representações, isto é, pelas linguagens, pode ser deturpada, rompendo com natureza da atividade do ato puro de ser, amar e conhecer, como apregoado pelas proposições do bispo de Hipona. No processo de se conhecer, a alma pode se confundir com as coisas que ama pertinentes às imagens sensíveis e exteriores que criou em si. Como efeito, atua tanto do ponto de vista ontológico e epistêmico, como moral e psicológico à guisa da morbidez, o que a adoce e, assim, debilitadamente estrutura as funções anímicas (Silva Filho, 2021).

Com um viés platônico, a perspectiva agostiniana aponta que a plenitude só pode ser alcançada pela sabedoria, e não por prazeres, especialmente os materiais. Portanto, as linguagens do mundo são plenamente decisivas no movimento de a alma se conhecer e, desse jeito, constituir candidamente, pelo prisma agostiniano, a trindade que delinea a interioridade humana.

Este ensaio objetiva refletir sobre o papel das representações hodiernas, materializadas pelas linguagens, majoritariamente preconceituosas, silenciadoras, opressoras e, em alguns casos, destruidoras. O foco deste estudo é propiciar reflexões acerca da fundação do sujeito no que tange aos aportes filosóficos agostinianos relacionados à formação da interioridade e da subjetividade humana, essencialmente, no bojo na fruição da alma.

Para tanto, primeiro serão discutidas a função das representações (linguagens) na construção do conhecimento da alma, segundo Agostinho (1999). Posteriormente, a partir de alguns excertos de linguagens da contemporaneidade recentemente veiculados nas mídias, reflexões serão feitas concernentes à natureza da humanidade referente à atual e à possível construção do entendimento que a alma tem de si diante do quadro da atualidade. Na sequência, considerações finais serão tecidas à luz das propostas e desenvolvimento deste estudo.

As representações insidiosas

Tanto as realidades sensíveis como as inteligíveis são objetos do pensamento da humanidade. No entanto, dada a natureza do ser humano, de acordo com Agostinho (1999), temos mais facilidade de nos atermos ao mundo corpóreo, uma vez que somos cercados pela materialidade. Nesse terreno, Agostinho justifica que “*em consequência de nossa condição humana, que nos converte em seres mortais e carnis, lidamos mais fácil e familiarmente com as realidades visíveis (visibilia) do que com as inteligíveis (intelligibilia)*” (Agostinho, XI, i, I).

Nesse esteio, a vontade, outra dimensão agostiniana para a inteligência, é a faculdade agentiva que faculta a relação da alma com o mundo sensível, representado pelas linguagens. Trata-se, na verdade, da intencionalidade por intermédio da qual alma se espelha frente à realidade. Entretanto, essa dimensão acarreta “*a intervenção de uma “força unitiva” (vis copulandi) pela qual a vontade isola um objeto sensível no campo perceptivo ao ligar a ele o sentido concernido*”, com assevera Koch (2010, p.75).

Ainda que a vontade seja uma atividade da alma, independentemente do corpo e dos órgãos sensoriais (Koch, 2010, p.80), a alma pode se desorientar devido às representações e, por conseguinte, obscurecer a possibilidade de se conhecer, além de não perceber as realidades inteligíveis. Consequentemente, o conhecimento puro pode ser obstruído e a alma se tornar viciada (Silva Filho, 2021, p.57). Nesse sentido, Agostinho (1999, X, vi, VIII) afirma: “*mas a mente erra quando se une com amor tão grande a essas imagens a ponto de considerar que ela também é do mesmo modo*”.

Em suma, o processo epistemológico, a rigor, sadio e virtuoso na perspectiva agostiniana, alimento da alma nutrida (SILVA FILHO, 2021) pode ficar comprometido quando as representações são compreendidas como bens absolutos e fixos, em decorrência da carência de reflexão sobre uma pseudo realidade inventada e impura. Nessa direção, Agostinho (1999, X, vi, VIII) nos adverte: “... *(a alma) conforma-se de certo modo com elas (as imagens), não*

sendo isso, mas pensando, não porque se pense como imagem, mas porque se pensa inteiramente como aquilo cuja imagem tem consigo”.

Destarte, o perigo é a gênese do aspecto volitivo da intenção atinente à contemporânea dinâmica epistêmica funesta, marcada por narrativas de opressão, preconceito, destruição, soberba e negligência, que apresenta ao ser humano um mundo imaginário representado pelas linguagens, celeiro de suas vontades e desejos.

Na contramão, é preciso entender que as atividades anímicas não sejam exclusivamente concebidas a partir da materialidade que estruturam o mundo e, à vista disso, a interioridade humana. Com base nessa proposição agostiniana, é patente afirmar que a realidade material pode ser entendida por outra perspectiva que não seja meramente as captadas pelos sentidos no que se refere à totalidade do real. Ademais, que as fundações do sujeito não se limitam apenas às representações do mundo sensível, tampouco são decorrentes delas. Nessa toada, Agostinho (1999) corrobora essa reflexão com os seguintes dizeres:

Nela (na alma) vigora o juízo de discernir o corpo que deixou fora da linguagem que dele traz consigo, a não ser quando essas mesmas imagens se manifestam como se fossem sentidas exteriormente e não pensadas interiormente, tal como costuma acontecer aos que dormem ou a quem delira ou em algum êxtase (Agostinho, X, vi, VIII, 1999).

Isso posto, a reflexão que se constrói é sobre o desprendimento da alma em relação ao mundo imaginário para combalir as representações do mundo sensível de modo a se potencializar na sua diáfana pureza, pois ela é mais íntima a si mesma do que imagens extrínsecas. Se alma for ludibriada pelos aspectos sensoriais mundanos e, portanto, apropriar-se de elementos epistemológicos corrompidos, ela poderá se perder e se ruir (Silva Filho, 2021). Dessa forma, os sentidos são prováveis fontes suspeitas de conhecimento. Segundo Agostinho (1999), a compreensão legítima das atividades inteligíveis ocorre a partir da contemplação da própria alma.

As linguagens da contemporaneidade

A retórica opressora, negacionista, colonizadora e preconceituosa, mesmo depois do início da segunda década do século XXI, tem sido a tônica dos direcionamentos de algumas das principais lideranças planetárias. “*Menino veste azul e a menina veste rosa*”³⁴, “*O conceito de*

³⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml>

*aquecimento global foi criado por e para os chineses, para que a indústria manufatureira americana não seja competitiva*³⁵, *“Todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para Disneylândia, uma festa danada*³⁶, *“Uma mulher que nega ser mãe, que se recusa a cuidar da casa, é incompleta e deficiente”*³⁷ são alguns exemplos de narrativas preconceituosas e opressoras proferidas por mandatários e outras personalidades que há pouco tempo viralizaram nos principais meios de comunicação.

Por mais que essas enunciações não conferem, à primeira vista, nenhum tipo de beleza, como abarcado pelas discussões agostinianas, a reputação que carregam pode ser uma armadilha para a alma. Agostinho (1999) nos adverte:

E nessas coisas, em que se não usa habitualmente a designação do estudo, os amores costumam surgir do que se ouve dizer, enquanto o espírito arde de desejo por causa da fama de qualquer beleza para a ver e dela fruir, porque conhece de um modo geral a beleza dos corpos pelo facto de haver contemplado várias, e tem razões para provar interiormente aquilo porque anseia exteriormente (Agostinho, X, i, I, 1999).

Se a alma for exposta inúmeras vezes aos tipos de representações de alguns aspectos sociais do mundo, como ilustrado pelos excertos acima, apreende-se, desse modo, que o amor construído a partir dessa relação não é oriundo de algo completamente desconhecido, pois a notoriedade do fenômeno se enrobustece. Essa evolução ratifica o pensamento agostiniano que a alma ama o que de alguma maneira já conhece.

Como se não bastassem as declarações supracitadas, boa parte das imagens da hodiernidade também imprimem um contexto intolerante, silenciador homogeneizador e regulador, isto é, na visão deste ensaio, outra emboscada da atualidade para o declínio, ou queda, da alma (Agostinho, 2019). Muitas das figuras apresentadas abaixo foram destaques verborrágicos nos recentes noticiários, inclusive e especialmente, na mídia internacional.

³⁵ <https://www.bol.uol.com.br/listas/15-frases-para-la-de-absurdas-ditas-por-trump-e-kim-jong-un.htm>.

³⁶ <https://www.plural.jor.br/noticias/poder/o-governo-bolsonaro-em-22-frases/>.

³⁷ <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36468521>.

Figura 1



<https://ne10.uol.com.br/noticias/2022/05/15014984-genivaldo-de-jesus-morto-cruelmente-pela-prf-em-camara-de-gas-era-casado-tinha-um-filho-e-gritou-ate-a-morte-veja-historia-do-rapaz.html>

Genivaldo de Jesus, negro e diagnosticado com esquizofrenia, retratado na Figura 1 acima, foi assassinado no Sergipe, no dia 25 de maio de 2022. Utilizando uma câmara de gás improvisada, a Polícia Rodoviária Federal torturou e matou a vítima dentro do porta-malas da viatura da corporação. A ação conota um ato de racismo e opressão por uma das instituições de autoridade nacional mais respeitadas do país.

Figura 2



<https://www.folhape.com.br/noticias/eua-acusa-russia-de-querer-subjugar-ucrania-congelando-a/245950/>

A Figura 2 destaca a destruição de um dos edifícios da cidade ucraniana de Kherson, decorrente dos ataques da Rússia. O sangrento conflito já dizimou quase 300 mil vidas. Motivada pela expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) pelo Leste Europeu e, assim, a possibilidade de adesão da Ucrânia à aliança militar, além de outros interesses territoriais, culturais e econômicos, a Rússia invadiu a Ucrânia no início de 2022. Hegemonia de poder e intolerância são algumas das razões de justificação da atividade militar russa que tenta impor sua autoridade máxima frente ao território ucraniano, *a priori*, soberano.

Figura 3

<https://ipam.org.br/brasil-precisa-de-desmatamento-zero-para-cumprir-meta-de-corte-de-emissao-de-gases-estufa/>

Foram mais de 9 km² da área da floresta amazônica devastada de janeiro a setembro de 2022, o maior índice nos últimos 15 anos. As queimadas descontroladas (Figura 3), a extração ilegal da madeira, a impunidade a crimes ambientais bem como o estímulo à grilagem de terras públicas são algumas das premissas para essa destruição em massa. Falta de base científica, despreparo, permissividade com os garimpeiros ilegais e corrupção no ambiente governamental são alguns dos motivos que levaram à destruição de extensas áreas da Amazônia. Mais uma vez, como nos casos apresentados acima, atos de superioridade e potência deflagaram essa atrocidade ambiental.

Figura 4

<https://veja.abril.com.br/saude/perto-da-marca-de-10-mil-mortes-por-covid-19-brasil-se-aproxima-dos-eua/>

Com o amargo índice de 13% das mortes (Figura 4) no mundo de COVID-19, o Brasil figura no 3º lugar³⁸, com quase 700 mil óbitos, atrás apenas dos EUA e da Índia. O reduzido

³⁸ <https://www.trt.net.tr/portuguese/covid19>.

número de profissionais especializados no atendimento de pacientes críticos, os sistemas de saúde limitados, particularmente da vigilância epidemiológica, as políticas públicas federais claudicantes no que diz respeito à efetivas e abrangentes campanhas de prevenção e vacinação, bem como a carência de testes em massa e a condição de pobreza, decorrente da abissal desigualdade social, são alguns dos elementos responsáveis por essa calamidade. Novamente, mais um exemplo de atitudes de descaso, irresponsabilidade vaidade e presunção, vindas particularmente, da esfera federal do país, são as causas de tamanha catástrofe.

Figura 5



<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/taliba-reprime-com-violencia-protesto-de-mulheres-em-cabul-por-direito-a-educacao.shtml>

A Figura 5 acima demonstra a manifestação de mulheres afegãs que lutam pelo direito ao trabalho e à educação. O Talibã, grupo fundamentalista que impõe um governo autoritário e opressor, retomou o Afeganistão depois 20 anos com a saída das tropas americanas do país. Afora as restrições no que concerne ao ingresso em universidades e clínicas, além da já famigerada imposição de um tipo de vestimenta, o movimento déspota e tirano também impede de as mulheres irem aos parques e academias. A falta de respeito à multidiversidade e aos direitos humanos, calcadas em ações governamentais autoritárias, são as plausíveis explicações para esse despautério.

Visto que a contemporaneidade está normalmente representada, nos últimos tempos, por linguagens plúmbeas, descrentes e derrotistas, como aludido pelas amostras acima, é preciso refletir sobre os fundamentos que permeiam essas representações, uma vez que a alma constrói conhecimentos embasada nelas (Agostinho, 1999). Segundo o entendimento dos excertos retratados, é possível afirmar que o celeiro das atroz consequências é um ambiente de autoridade, vaidade, preconceito, soberba, opressão e individualismo que inflamam a ânsia das almas. Nesse sentido, Agostinho (1999, X, i, 1) nos adverte com as seguintes palavras:

“tratando-se, porém, do conhecimento de saberes, é muitas vezes a autoridade de quem as elogia e delas fala que desperta em nós o desejo”.

Indubitavelmente, as linguagens do mundo contemporâneo não evidenciam apenas circunstâncias temerárias como representadas anteriormente. Seguramente, há circunstâncias de harmonia, amor, resistência, compaixão e solidariedade em algum lugar do planeta. No entanto, a vigilância de como as relações da alma se espriam nessa conjuntura mais lúgubre se faz premente, pois, ela pode se iludir e, destarte, circunscrever o potencial da vontade.

Ressalta-se que uniformização, o silenciamento, o daltonismo alusivo às desigualdades étnico-culturais, as injustiças sociais, bem como os devaneios opressores políticos e econômicos são as palavras de ordem da vez no que se refere a como as linguagens representam o mundo nos dias de hoje. Como consequência, a opressão, o autoritarismo, a regulação, a intolerância, dentre outros riscos homogeneizadores, desenham-se num horizonte sombrio. De acordo com Silva Filho (2021), caso a alma se embrenhe nessa ambiência perniciosa, as linguagens por si não são suficientes para levar a alma a pensar sobre sua própria essência de estar no comando. É preciso que a fé, a esperança e o amor tratem da acrasia e, desse modo, objetivem as dinâmicas anímicas relativamente livres da autocontradição constitutiva da condição humana (Silva Filho, 2021).

Talvez oportunizar formas de organização discursiva para a produção criativa, crítica e compartilhada de saberes, pensares, e sentires diversos possa ser uma chance para a alma não ser corroída. Assentado a isso, fins estruturantes de um agir questionador, crítico, democrático e transformador, por intermédio de atividades de fraternidade, afeto, crença e fidência poderão ser fomentados de modo que a alma sobreponha as linguagens taciturnas da contemporaneidade e, então, permita que a vontade, movida pelo amor, posicione-se como uma força intencional que legitime o seu papel para além da articulação entre o mundo das representações e as capacidades sensoriais. Nesse sentido, Koch pontua que (2010, p.76), *“a mera presença espacial de um corpo em meu campo visual não basta para torná-lo presente a mim, isto é, sensível; é a vontade que o faz assim, que o ‘torna presente’, poderíamos dizer, e desse modo o torna sensível”.*

A considerar que o conhecimento é o que nutre a alma e o alimento, o corpo, (Silva Filho, 2021), entende-se que esse saber deve ser *“salutar e útil”* (Silva Filho, 2021, p. 59). Conforme já mencionado acima, se o percurso epistemológico for corroído e, dessa maneira, vazio e fútil, almas viciadas podem ser geradas, em razão de a intencionalidade ser desenvolvida embasada no exato espelhamento da alma com a suposta realidade, como já tratado previamente, mas não por intermédio da vontade.

Silva Filho (2021, p. 57), calcado nos escritos agostinianos, corrobora a anêmica fundação do sujeito, com base nesse tipo de alma néscia ao afirmar que “*os homens sábios possuem a alma mais plena e maior do que os ignorantes, e os homens desprovidos de ciência e instrução estão como que em jejum e famintos. Mais do que isso, por estarem vazios de ciência, estão cheios de vícios e maldade*”.

Ademais, como a “*vontade humana nela mesma*’ é a vontade de ser feliz, a vontade ‘*não tem outro fim senão a felicidade*” (Koch, 2010, p. 84), as narrativas e retóricas sombrias devem ser questionadas, confrontadas e, claro, transformadas, na medida do possível, posto que podem ludibriar a alma e a constituir de forma obtusa e incoerente, objetando a sua potência de pura de bondade.

Ao deturpar a alma, as linguagens nefastas podem obscurecer a correta identificação do que deve ser a felicidade humana, acarretando uma representação equivocada do nosso próprio bem (Koch, 2010). Decorrente dessa visão claudicada da alegria, da felicidade e do bem-estar, não ensinaremos esses confortos e benesses do bem viver, pois não os conhecemos ainda. As representações podem nos cegar. Mais que isso, podem ser concebidas, às vezes, por modelos de ser e agir fossilizados e dogmáticos, como entraves para a fruição da vontade. Agostinho (1999, X, i, iv) ratifica essa ocorrência com as seguintes palavras: “*amamos o que de algum modo já conhecemos*”, o que se torna de todo grave quando a base de nosso conhecimento é precária, também nos sentidos material, educacional e cultural do termo.

Considerações finais

Este ensaio teve como objetivo refletir acerca do impacto das linguagens contemporâneas, ou seja, as representações do mundo, normalmente, circunscritas no bojo da opressão, da destruição, do preconceito e da homogeneização, no que concerne à formação da interioridade e da subjetividade humana, singularmente, alusiva ao desfrute e ao gozo da vontade, amparado nos pressupostos filosóficos agostinianos.

Primeiro, foi explanada a possibilidade de as linguagens distorcerem o processo de construção do conhecimento que a alma tem de si e, diante disso, não perceber as realidades inteligíveis, de acordo com o pensamento agostiniano. Essa obscuridade pode romper com a natureza da atividade da alma como ato puro de ser, amar, conhecer e agir.

Posteriormente, reflexões foram feitas acerca de como a alma pode ser inebriada pela pseudo realidade inventada e impura, sobejamente, a partir de alguns excertos das lóbregas representações dos dias de hoje. Fundamentado nas concepções agostinianas, apreende-se que

fundações da interioridade e da subjetividade não se limitam apenas às representações do mundo sensível, tampouco são oriundas delas.

No mais, a alma precisa se fortificar a partir do questionamento, da criticidade e da democracia, por meio de atividades de amor, compaixão e fé para, destarte, resistir e transcender às representações do mundo sensível. Uma vez resistente e blindada das ardilosas e insidiosas conceituações mundanas do cenário moderno, a alma pode se potencializar na sua límpida pureza para, então, legitimar a fruição da vontade como atividade catalisadora para a sua expansão e transformação.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *A Trindade*. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1999.

KOCH, I. Sobre o conceito de *voluntas* em Agostinho. In: *Discurso*, v. 40, n. 40, p. 71-94, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2010.68245>. Acesso em: 6 julho. 2024.

SILVA FILHO, L. M. *Como ler Santo Agostinho: terapia da alma e da felicidade*. São Paulo: Paulus, 2021.